

Suplemento Cultural

Conceição dos Bugres

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Conceição Freitas da Silva era menina, quando os olhos inquietos pousaram pela primeira vez na paisagem de Mato Grosso do Sul.

Aqui residiu nas cidades de Ponta Porã e Campo Grande, onde faleceu em 1983.

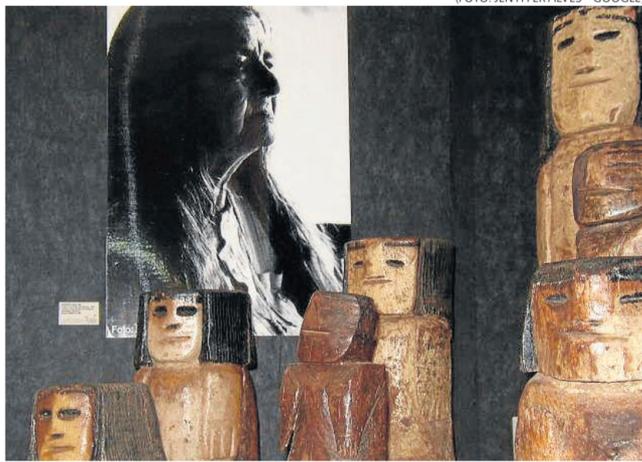
Com o marido Abílio Antunes, formou uma família de artistas da qual faziam parte os filhos Ilton e Wilson, que herdaram da mãe o dom de modelar a madeira com a força proveniente da imaginação e da habilidade manual.

Nascida no Rio Grande do Sul em 1914, incorporou e revelou na arte os traços distintivos da região que adotou como sua.

Abílio, depois da morte da mulher, continuou por vários anos a fabricar os totens, inventados por ela, que um dia, por brincadeira, como fazem os verdadeiros artistas ao esculpir uma raiz de mandioca, fez surgir o boneco que seria o ancestral de tantos outros, iguais na aparência, mas profundamente diversos nas fisionomias estáticas, cabelos escorridos, olhos, sobrancelhas e nariz pintados de piche, braços em posição de sentido.

Uma obra recomeçando a outra, como a vida recomeça a cada instante, e, no entanto, cada minuto é diferente do anterior.

Depois de modelados, cobertos com cera de abelha, os totens adquiriam vida própria, ao revelar na mais sensível das linguagens o talento da artista Conceição, que, sem frequentar escolas de arte, sem ter transposto outras fronteiras que as de seu quintal, tornou-se símbolo da cultura sul-mato-grossense, seu ícone mais significativo, marcado pelo gênio criador



(FOTO: JENYFFER ALVES – GOOGLE)

CONCEIÇÃO DOS BUGRES E SUA OBRA ARTESANAL – marco singular e original da cultura sul-mato-grossense, consagrada no País e no exterior

desenvolvido com humildade.

O imaginário popular consagrou os bugrinhos de Conceição como a representação mais viva dos traços distintivos do Estado, porque são o espelho da história sofrida dos índios cadiuús, caiuás, terenas e de outras nações, na luta pela sobrevivência.

Também se pode ver neles o signo emblemático dos marginalizados, que perambulam em série, sem destino, por ruas e estradas, sem deixar-se esmorecer pelo sofrimento.

Conceição contribuiu com o sangue e o talento para a construção da memória do Estado.

São estranhos os caminhos da arte. Que ciência deu a Conceição o poder de fazer pulsar o coração do índio em sintonia com o nosso?

Ninguém sabe os mistérios do fazer criativo. Nem ela mesma, que não foi dona de bens materiais, nem mesmo

de um pedaço de seu quintal.

Apesar de ter participado de inúmeras exposições, ter obras nos mais importantes museus do Brasil e no exterior, morreu tão pobre como nasceu!

Viveu longos anos numa casinha de tábuas do Bairro Universitário, no espaço do desconforto da água do poço, da terra vermelha.

A fabricação dos bonecos era um processo que começava com a força do machado, para recolher da árvore a madeira, que ela mesma serrava e modelava.

O tempo transformou Conceição Freitas da Silva em Conceição dos Bugres – uma mulher corajosa, que tinha prazer em liberar formas na alegria de recriá-las.

Seu neto Mariano continua o trabalho da artista, sem, no entanto, igualá-la.

As obras de Conceição encontram-se na Pinacoteca da

“

O imaginário popular consagrou os bugrinhos de Conceição como a representação mais viva dos traços distintivos do Estado, porque são o espelho da história sofrida dos índios (...), na luta pela sobrevivência”

Fundação Cultural de Mato Grosso do Sul, no Museu de Arte e Cultura Popular de Mato Grosso do Sul, no Centro Cultural José Octavio Guizzo e no Marco, no Parque dos Poderes.

Em 1997, o Centro Cultural José Octavio Guizzo realizou, para homenageá-la, a exposição In Memoriam.

Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Cuiabá receberam, através dos anos, público numeroso para homenagear suas obras.

A presença de Conceição continua a iluminar o panorama artístico de MS, que tem nela o signo maior de sua grandeza. Sua obra cada vez mais viva é a metáfora de um Estado que se aventura no âmago das coisas para construir um tempo de coragem, em que haverá menos miséria e mais compreensão entre os homens, com os bugrinhos inaugurando novos amanhãs.

Desapareceu a matéria, mas eternizou-se a essência do que foi Conceição.

POESIAS

SUA EXCELÊNCIA, O VOTO

Mostrar que é hora de o Brasil ser o Brasil
Do povo honesto, brioso, trabalhador.
Dizer um não ao ladino, ao sorriso vil
Que mimetiza o semblante do impostor.

Não ser bovino que, amordaçado ao canzil,
Sofre e nem sabe o motivo da sua dor...
Agir consciente, com gesto nobre e sutil,
Buscando as sendas de um sol de real fulgor.

Fazer valer instrumento espetacular.
Dar basta aos bandos, às fraudes, à corrupção
E às desordens que tismam esta nação.

Clamar justiça, igualdade, paz, retidão;
Bramir que é hora de este país melhorar.
Deixar tudo isto patente... Saber votar!

RUBENIO MARCELO

MÁFIAS DA VERGONHA

Perdão, “ó pátria amada idolatrada”,
Por tanta falcaturia e roubalheira...
De pejo sinto a alma amortalhada
Pelas máfias que rasgam tua bandeira!

Por que, “mãe gentil”, tantos valem nada,
Se a todos serves com igual maneira?...
Como dói-me a ti ver nesta enrascada,
Num poço já sem fundo e sem clareira!

Que dilema escolher-te um governante
Em meio a tanto camaleão farsante...
Ouve, do mau político, o que acho:

Ingerido qual falso prato fino,
Causa dor e transtorno no intestino,
É de, de fato, o que vai sair embaixo!

GERALDO RAMON PEREIRA

NOBREZA – UM FATO POLÍTICO E OUTRO JURÍDICO

HELIOPHAR SERRA

A nobreza é uma característica do homem consciente do seu valor, da sua força, da sua inteligência, da sua cultura, e age na comunidade com serenidade, sem precisar ostentar os seus valores.

Em nossa trajetória como Juiz de Direito da Comarca de Aquidauana, defrontamo-nos, ao longo dos anos, com os mais diversos tipos de homens: o homem honesto, o safado, o culto e o ignorante, o valente, o covarde, o hipócrita, o bajulador, e por aí afora, numa infundável diversidade da natureza humana.

Gostamos de relembrar, a esse respeito, um fato relacionado com o cel. José Alves Ribeiro (cel. Zelito), de Aquidauana, poderoso chefe político da então U.N.D. Certa ocasião (como já narrei no meu livro “Fragmentos do Cotidiano”), estourou grande vitória eleitoral da U.N.D. sobre o também poderoso partido P.S.D. Alguns fanáticos udenistas saíram festejando a vitória e percorrendo as ruas da cidade, soltando rojões, ligando o alto-falante em volume máximo, que berrava a música gozativa:

“Cabeça inchada, morena, dói... dói...dói...”

O cel. Zelito chamou os responsáveis, e foi preempatório:

“Vocês podem festejar à vontade a nossa vitória, mas proíbo, terminantemente, que passem em frente à residência do cel. Ovídio Costa. Exijo absoluto respeito ao meu leal adversário político”.

Obediência absoluta: os carros continuaram a rodar, mas nenhum deles cruzou o quadrilátero formado pelas

ruas 7 de Setembro, Marechal Malet, Cel. Augusto Paes de Barros e Cel. Felício dos Santos.

Outro episódio que não nos esquecemos, e que revela a expressiva nobreza dos protagonistas: àquela época, assumira as funções de Promotor de Justiça da Comarca de Aquidauana o Dr. Eloy Vasco de Toledo, jovem, talentoso, culto, recém-formado, sem nenhuma experiência no Tribunal do Júri. Na sua estreia, o Dr. Eloy nos confidenciou:

- “Mas que azar, Dr. Heliophar! Logo hoje, na minha estreia, terei pela frente dois famosos e tarimbados advogados campo-grandenses: Dr. Plínio Barbosa e Dr. Plínio Rocha. Estou assustado: vão me trucidar em público e me desmoralizar”.

- “Engano seu, Dr. Eloy. Conheço-os bem. São advogados elegantes e superiores. Se não os provocar, se não os agredir, você poderá desenvolver tranquilamente a sua acusação. Eles nada farão para perturbá-lo. Compreendem perfeitamente seu problema”.

- “Será, Dr. Heliophar?”, indagou em dúvida o Dr. Eloy.

- “Temos certeza”, afirmamos.

À hora exata, como presidente, abrimos a sessão do Tribunal do Júri. Decorridos os trâmites legais, às 16:30 horas, foi dada a palavra à Promotoria Pública. O Dr. Eloy iniciou a acusação, e o fez, de início, de maneira hesitante, cometeu pequenos senões, custou a encontrar o trecho de um depoimento. A defesa permaneceu calada, séria, atenta, sem proferir nenhum aparte. Logo em seguida, quando lhes foi dada a palavra, o Dr. Plínio Barbosa e o Dr. Plínio Rocha desenvolveram belíssimo trabalho, conseguindo a absolvição dos réus, sem qualquer alusão desairosa, ou crítica ao trabalho da Promotoria Pública. Conquistaram, sem o querer, a gratidão do Dr. Eloy, que jamais esqueceu desse episódio.

AMARELO

RAQUEL NAVEIRA

Só Van Gogh compreendeu à altura a minha paixão pelo amarelo. O amarelo é a cor mais bela, mais expansiva, mais ardente.

Que curiosa e estranha predileção Van Gogh tinha pelos girassóis. Foram várias telas retratando essas flores gigantes em pinceladas rápidas, em tons dramáticos de amarelo. Jarras com três, cinco, doze, quinze girassóis. Profusão de pétalas retorcidas, iradas. Os girassóis são ambivalentes: sob o sol são altivos e soberbos; quando surge a escuridão da noite se fecham sobre si mesmos. Misto de luzes, cores, amargura e solidão, os girassóis refletem o espectro da bipolaridade, doença mental e genética sofrida pelo

próprio artista: ora eufórico e cheio de energia; ora triste, apático e culpado. Esses girassóis, assombrosamente fortes, foram pintados como um presente para o amigo, também pintor, Paul Gauguin, num tempo em que trabalharam juntos. Seriam para decorar a casa de Van Gogh em Arles, no sul da França, conhecida como “casa amarela”, mergulhada num campo de girassóis. Depois da tensa ruptura da amizade entre os dois, Van Gogh teve uma crise nervosa que o levou a cortar a própria orelha e, mais tarde, deprimido, a dar um tiro no peito. Só depois de seu trágico suicídio é que ele foi reconhecido mundialmente como gênio.

Amarelos também, de um matiz mais pálido, são os trigais e os montes de feno retratados por ele. Em “Casa de Fazenda na Provença” há uma fertilidade terrível, as hastes de trigo crescendo por todos os lados pa-

recem uma ameaça ao homem, que mal consegue caminhar. Van Gogh domina a natureza em cada traço amarelo do amido das espigas.

Certa vez, ele declarou: “A pintura está na minha pele... é um sol, uma luz, que eu só posso chamar de amarelo, porque não tem outra palavra... como o amarelo é lindo.”

O amarelo é lindo. Enfeito sempre minha sala com flores amarelas. Tenho tantas lembranças de vestidos amarelos. Como aquele estampado de flores amarelas com miolos brancos que eu usava quando subi as escadas do avião que rumou em direção ao sol, ao mar, ao Rio de Janeiro.

Sei que minha morte será uma descida a fontes amarelas. Um dia estarei livre, na eternidade dourada.

Sou tonta, apaixonada pelo amarelo, compreende? Só Van Gogh compreendeu... Você prefere o azul.

3 Casos de Provas

EDUARDO MACHADO METELLO

Costumo exigir dos peões, nas fazendas, respostas firmes, concretas. Quando pergunto quantos touros estão numa invernoada, ou, principalmente, qual o número do registro genético de determinada rês, desejo informação certa, sem titubeações.

Não aceito respostas vagas, como mais ou menos, parece ou se não me engano; brinco dizendo serem palavras irmãs.

O Dr. Noel de Souza Sampaio, professor da Faculdade de Zootecnia de Uberaba, segundo me informaram, age da mesma forma. Grande conhecedor das raças indianas, tem sido bastante solicitado para funcionar como juiz, em importantes exposições agropecuárias do País.

Certa vez, ao examinar um aluno, recebeu esta resposta: - Bem eu acho que...

O professor Noel não permitiu que o rapaz concluísse o raciocínio, interrompendo-o abruptamente: - Chega. Na minha matéria não se acha nada. Ou é, ou não é. Ou se sabe, ou não se sabe!

Pelo visto, nós deixamos – eu e ele – a dúvida metódica para os cientistas e pesquisadores.

- Está certo, Zezinho, você não estudou durante o ano, não poderia fazer mesmo uma boa prova – dizia o professor. Mas se me responder, pelo menos, a esta última pergunta, passará de ano.

Zezinho torcia as mãos, embaixo da mesa, nervoso. Era fogo aquela prova prática de Entomologia. Sentia que ia ser reprovado.

O mestre, tirando da caixa um enorme besouro, colocou-o em cima da mesa, ao mesmo tempo em que perguntava: - Qual o sexo deste besouro?

- É macho!
- Como é que você sabe?

A resposta veio ansiosa: - Pelo jeito dele!

Terminava eu o ginásio e ia fazer o exame final de História. Exame oral, exigência daquela época.

Com notas suficientes para passar de ano, o exame, apenas uma formalidade para cumprir o regulamento. E o professor, folgazão, sabia disso.

- Vou lhe fazer apenas uma pergunta, Eduardo – falou. – Se você me responder, pode ir embora, com o dez.

- Qual é que veio primeiro: Pedro I ou Pedro II?